

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ETNIA, RAÇA E DEFICIÊNCIA NOS JOGOS PARAPAN-AMERICANOS RIO 2007

Luana Paré Costa Bolsista de Iniciação Científica - UFRGS
Janice Zarpellon Mazo Orientadora - UFRGS



INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo evidenciar representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos realizados na cidade do Rio de Janeiro, no período de 12 a 19 de agosto de 2007. É inegável que, ainda hoje, a relação entre negros e brancos esteja moldada sob diferentes formas de racismo que operam na sociedade. Posto isso, o esporte, como direito da pessoa com deficiência, expressa relações excludentes e desiguais quando se analisam os contrastes e combinações entre as categorias de análise de etnia e raça? Reconhecer essa questão na imbricação entre desigualdades e diversidade, significa buscar caminhos para a visibilidade, o reconhecimento e a afirmação de representações sociais de etnia, raça e deficiência diversas.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo evidenciar representações sociais de etnia, raça e deficiência nos Jogos Parapan-Americanos realizados na cidade do Rio de Janeiro, no período de 12 a 19 de agosto de 2007. Por essa razão, consideramos oportuno o diálogo entre as temáticas das relações étnico-raciais e da pessoa com deficiência, contribuindo para a articulação dessas categorias de análise do fenômeno esportivo paralímpico.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a coleta de informações, tomou-se como fonte sete edições da Revista Digital Brasil Paralímpico, publicadas pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, no período de Junho/Julho de 2006 a Janeiro/Fevereiro de 2008, as quais foram submetidas a análise documental.



Imagem veiculada na publicação de n.º 25, que exemplifica o imaginário coletivo acerca das representações sociais de etnia, raça e deficiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As imagens mais usuais dos paratletas na Revista Digital Brasil Paralímpico evidenciam que as desigualdades sociais permeadas pelas formas hegemônicas e hierárquicas de existência e subjetivação estão imbricadas, também, no campo do paradesporto. Ao comparar as imagens publicizadas se verificou a escassez de representações distintas em lugares de destaque. São inúmeras as causas historicamente atribuídas as variáveis que diferenciam, selecionam e excluem grupos e indivíduos. “No Brasil a leitura sobre o negro, sua história e cultura tem sido regulada pela sociedade mais ampla via racismo ambíguo e mito da democracia racial” (GOMES, 2017). Dessa forma, a não existência ou escassez da imagem de um paratleta negro, confirma a garantia de uma intencionalidade que produz relações de poder e que, portanto, quando imaginamos pessoas com deficiência, imaginamos pessoas com deficiência brancas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma narrativa que normaliza a imagem e a representação social do atleta com deficiência. Portanto, no ambiente do paradesporto certos corpos são definidos como desviantes, aqueles que não podem representar a nação. Em contrapartida, esses corpos se expressam na obtenção de marcas, novos recordes e na superação de limites forjando assim, elemento ligante da heterogeneidade brasileira. Para Gonçalves, Albino e Vaz (2009), se caracteriza a pessoa estigmatizada a partir da exibição, nesse aspecto a espetacularização da deficiência sensibiliza pela forma como esses corpos deficientes apresentam suas particulares performances. É importante tensionar a propagação de determinadas imagens ao invés de outras bem como a construção das representações sociais acerca delas, para que possamos descolonizar nosso olhar e, principalmente, nossas relações.

REFERÊNCIAS

- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- GONÇALVES, Gisele Carreirão; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, Giovani De Lorenzi (org.). “Observando” o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.